

Produção industrial do Brasil cresceu no acumulado até julho de 2018

Ainda sob efeito da volatilidade decorrente da greve dos caminhoneiros que ocorreu nos últimos 10 dias de maio, a taxa de crescimento da produção industrial variou -0,2% em julho, após a elevação de 12,9%, em junho, que eliminou a queda de 10,9%, de maio, todos frente ao mês anterior. Ante julho de 2017, subiu 4,0%, após também avançar no mês passado (+3,4%). O índice acumula alta de 2,5% no ano (de janeiro a julho de 2018) e ganhou ritmo na taxa anualizada que passou de 3,1%, nos 12 meses fechados em junho, para 3,2%, em julho. Embora apresentando resultados, em geral, mais positivos, a indústria ainda se encontra 14,1% abaixo do nível recorde de maio de 2011. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado acumulado de janeiro a julho de 2018 (+2,5%), em relação a igual período de 2017, repercutiu taxas positivas nas quatro grandes categorias econômicas, em 14 dos 26 ramos, 45 dos 79 grupos e 52,2% dos 805 produtos pesquisados.

Para todas as quatro grandes categorias econômicas (Gráfico 1), o índice acumulado de produção dos sete primeiros meses do ano, mostra evolução crescente, se comparado em iguais períodos de 2018, 2017 e 2016. Os bens de consumo duráveis se destacaram pelo aumento de 14,6%, em 2018, ante o avanço de 9,8%, em 2017, e o recuo de 21,4%, em 2016. O resultado de 2018 foi impulsionado pela fabricação de automóveis (+17,7%) está diferente do percentual da tabela e de eletrodomésticos da “linha marrom” (+20,1%). O segundo melhor desempenho ocorreu no setor de bens de capital (+9,0%, +3,9% e -17,4%, respectivamente), que foi puxado pelos bens de capital para equipamentos de transporte (+17,0%).

Os segmentos de bens intermediários (+1,3%) e de bens de consumo semi e não duráveis (+0,8%) cresceram abaixo da média da indústria em geral (+2,5%), de janeiro a julho de 2018. Contudo, embora mais resistentes, também assinalaram evolução crescente, conforme se observa no Gráfico 1.

Em relação às seções industriais, a indústria extrativa apresentou estabilidade nos sete primeiros meses de 2018 (0,0%), ante igual período do ano anterior. Por seu turno, a indústria de transformação expandiu a produção (+2,9%), com 14, de suas 25 atividades, registrando percentuais positivos. Destacaram-se, na composição da média geral da indústria (Gráfico 2): veículos automotores, reboques e carrocerias (+18,7%); equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (+13,4%); metalurgia (+5,7%); celulose, papel e produtos de papel (+4,8%); máquinas e equipamentos (+4,7%); bebidas (+4,0%); produtos de borracha e de material plástico (+2,9%) e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (+2,6%). Dentre as principais influências negativas, estão: couro, artigos para viagem e calçados (-5,3%); confecção, vestuário e acessórios (-3,1%); alimentos (-1,8%) e outros produtos químicos (-1,6%).

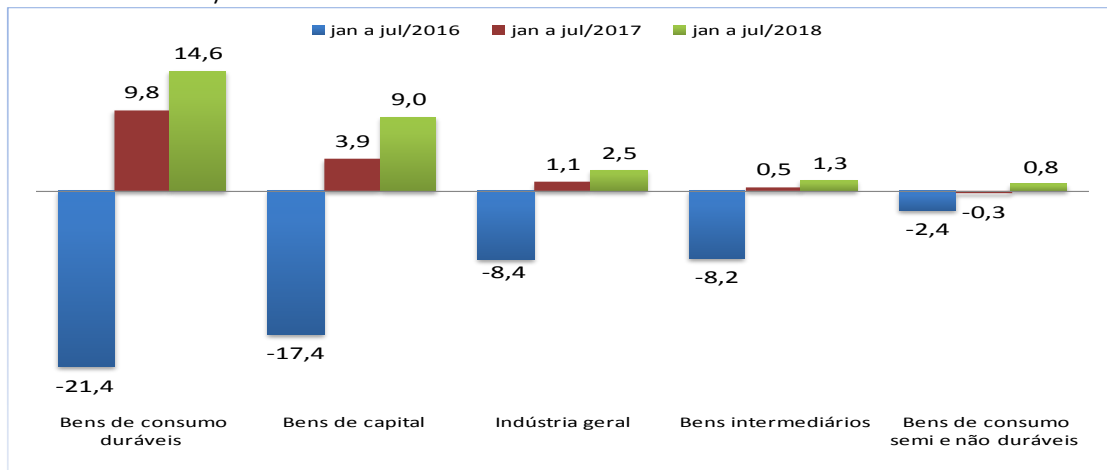
Apesar de registros indicando a busca por recuperação e da observada evolução da produção industrial, no acumulado do ano, as projeções para o fechamento de 2018 estão sendo revisadas com tendência de baixa. O Boletim Focus do Banco Central reduziu sua estimativa de 2,43%, na última semana de agosto, para 2,26% no primeiro relatório do mês de setembro.

A expectativa é de que o setor industrial passe por algumas dificuldades nos próximos meses, como a continuidade da crise na Argentina, importante mercado consumidor dos produtos brasileiros, em especial do segmento automotivo. Aliada a esta, deve-se levar em conta as incertezas observadas no atual processo de eleições presidenciais; as repercussões, ainda presentes, da paralisação dos transportes ocorrida em maio; o baixo impacto da redução dos juros básicos sobre a economia; a lenta recuperação do emprego, e a deterioração das condições financeiras, como a taxa de câmbio, que tendem a inibir tanto os gastos dos consumidores quanto o investimento das empresas.

Como influência positiva, para o segundo semestre de 2018, pode-se esperar o incentivo ao consumo das famílias a partir da liberação do PIS/Pasep, o que poderia amenizar, minimamente, as situações adversas ao maior dinamismo econômico do País.

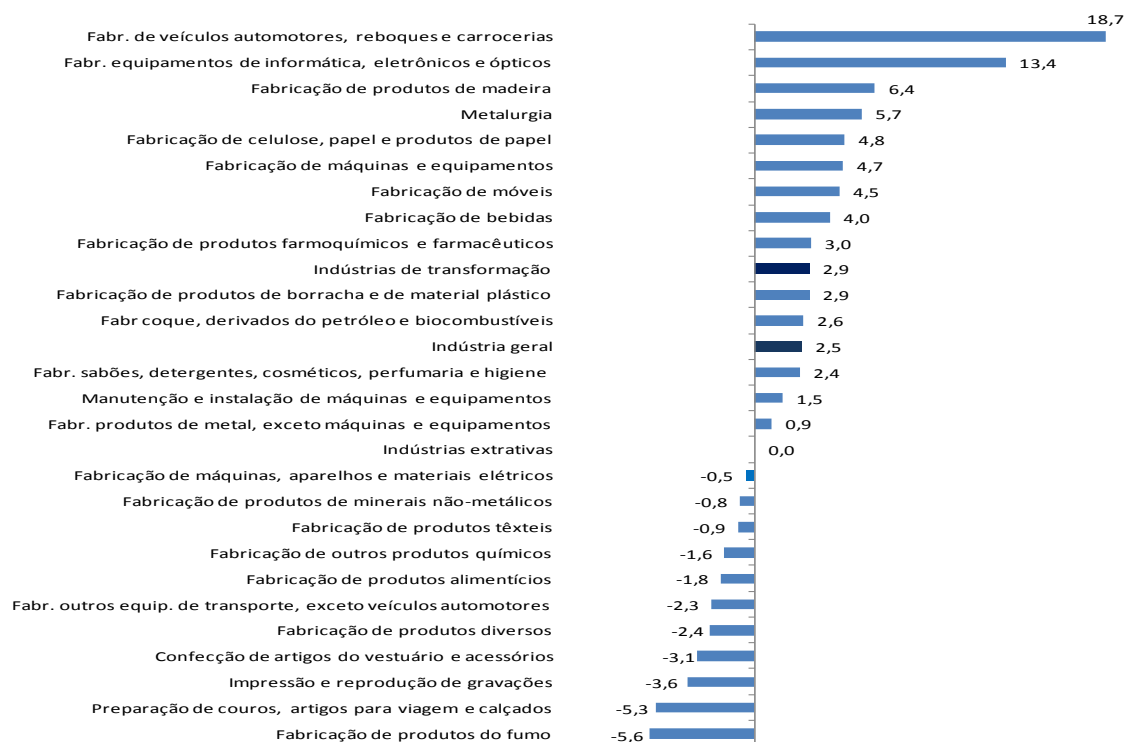
Autora: *Liliane Cordeiro Barroso*, Economista, Coordenadora de Estudos e Pesquisas, Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Banco do Nordeste/ETENE.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de crescimento da produção industrial (%) - Brasil – Variação percentual acumulada de janeiro a julho dos anos 2016, 2017 e 2018 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Gráfico 2 - Taxa de crescimento da produção industrial por seções e atividades (%) - Brasil - Acumulado jan-jul/2018 (Base: igual período do ano anterior)



Fonte: Elaboração BNB / ETENE, com dados do IBGE.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire e Liliane Cordeiro Barroso. Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: Rodrigo Fernandes Ribeiro. Jovem Aprendiz: Yago Carvalho Lima.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.